

MULHERES NEGRAS
EM DIÁSPORA

2024

PROJETO MULHERES NEGRAS
EM DIÁSPORA NO BRASIL:
CARTOGRAFIA DAS OPRESSÕES

Oficina PVP de Direitos Humanos e Fotografia



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

MINISTÉRIO DA
SAÚDE



Maria da Graça Luderitz Hoefel

Denise Osório Severo

Claudia Washington

**OFICINA PVP DE DIREITOS HUMANOS E FOTOGRAFIA
PROJETO MULHERES MIGRANTES NEGRAS EM DIÁSPORAS NO
BRASIL - CARTOGRAFIA DAS OPRESSÕES**

Brasília

2024



Financiamento

- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; e
- Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde do Ministério da Saúde.

OFICINA PVP DE DIREITOS HUMANOS E FOTOGRAFIA PROJETO MULHERES MIGRANTES NEGRAS EM DIÁSPORAS NO BRASIL - CARTOGRAFIA DAS OPRESSÕES

Chamada Nº 21/2023 - Estudos Transdisciplinares em Saúde Coletiva

Coordenação Nacional:

- Universidade de Brasília – UnB

Coordenações Regionais:

- Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde - FS/DSC
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- Universidade Federal de Juiz de Fora
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Universidade Federal de Pernambuco
- Universidade Federal do Acre

Autoras:

- Maria da Graça Luderitz Hoefel
- Denise Osório Severo
- Claudia Washington

Comissão Coordenadora:

Coordenadoras e pesquisadoras dos Núcleos das Universidades

- Maria da Graça Luderitz Hoefel - Universidade de Brasília
- Denise Osório Severo - Universidade de Brasília
- Claudia Washington - Universidade de Brasília
- Maria Conceição dos Reis - Universidade Federal de Pernambuco
- Elizama Messias - Universidade Federal de Pernambuco
- Yure Gonçalves da Silva - Universidade Federal de Pernambuco
- Helen Leonardo da Silva - Universidade Federal de Pernambuco
- Regina Gloria Andrade - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- Iêda Maria Ávila Vargas Dias - Universidade Federal de Juiz de Fora
- Zuleyce Maria Lessa Pacheco - Universidade Federal de Juiz de Fora
- Maria Gabriela Curubeto Godoy - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Valeria Rodrigues da Silva - Universidade Federal do Acre

Colaboradoras:

- Hellen Rodrigues Batista
- Kátia Souza
- Luisa Rabelo Cruz
- Maria Edna Moura Vieira

Arte gráfica:

- Yure Gonçalves da Silva
- Helen Leonardo da Silva

PROGRAMAÇÃO DA OFICINA

ETAPAS DA METODOLOGIA	
Duração	Tema
2 à 4 horas	Etapa 01: Percorrendo o Mundo
2 à 4 horas	Etapa 02: Mostrar uma foto
1 hora	Etapa 03: Escolher uma foto
2 à 4 horas	Etapa 04: Processo de criação
1 à 2 horas	Etapa 05: Partilha do sensível
3 à 4 horas	Etapa 06: Na trilha dos direitos: Cartas Negras, um exercício de escrivência
3 à 4 horas	Etapa 07: Na trilha dos direitos: Mulheres Negras em Cena
6 à 8 horas	Etapa 08: Na trilha dos direitos: escrita da Carta de Direitos das Mulheres Migrantes Negras em Diásporas no Brasil
4 à 8 horas	Etapa 09: Propor Ações: Plano de Ação; Cineclubes; Criação da Rede de Mulheres Migrantes oriundas de Países do Sul Global
10 dias	Etapa 10: Criação e produção de exposições e catálogos regionais: Todos os Olhares e Todos os Afetos

RESUMO:

Este caderno metodológico trata da Metodologia de análise de imagens de Hoefel (HOEFEL, 2016) enquanto ferramenta de pesquisa-ação para a implementação das “Oficinas PVP: Direitos Humanos e Fotografia” no contexto do projeto Mulheres Migrantes Negras em Diáspora no Brasil: Cartografia das opressões - Estudos Transdisciplinares em Saúde Coletiva.

As oficinas adotarão o método construído pelo Projeto Vidas Paralelas (PVP), coordenado pela Universidade de Brasília e implementado desde 2008 no Brasil (HOEFEL ET AL, 2012; HOEFEL E SEVERO, 2014; HOEFEL ET AL, 2015; HOEFEL, 2016; HOEFEL ET AL, 2016a; HOEFEL ET AL, 2016b; HOEFEL, 2017; HOEFEL; SEVERO; WASHINGTON, 2019; HOEFEL ET AL, 2020a; HOEFEL ET AL, 2020b; HOEFEL ET AL, 2023), que apresenta alguns princípios teórico-metodológicos estruturantes, tais como: a) centralidade do “olhar” dos próprios sujeitos da ação; b) linguagem imagética e narrativas de vida como elemento metodológico norteador dos processos; c) perspectiva da educação popular com base em Paulo Freire (1994).

No seu desenvolvimento atual a metodologia busca se adaptar a especificidade das vivências de mulheres negras com o intuito de aprofundar as questões que as circundam através do que propõe Conceição Evaristo (2020), ou seja, a escrevivência enquanto ferramenta metodológica na produção de conhecimento a partir da escrita de histórias de mulheres negras.

Um dos fundamentos teóricos da metodologia de Análise de Imagem de Hoefel et al (2016a) é a emergência de espaços do comum sensível (RANCIÈRE, 2008) por meio de experiências sensíveis (plásticas, performáticas, narrativas, sonoras, textuais, etc).

O Projeto Vidas Paralelas (PVP) é um projeto de pesquisa-ação lançado em 2008 no Brasil que visa revelar o cotidiano da vida, trabalho e cultura, a partir do olhar de sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais, por meio da produção de imagens (fotografias, vídeos, expressões plásticas, textos). Este projeto também visa a partilha de expressões culturais em uma rede social e em espaços socioculturais que favoreçam a reflexão e a participação social (HOEFEL ET AL, 2016b). É um projeto que favorece a difusão, a construção de experiências e estratégias para a promoção de condições dignas de vida e saúde para as populações, aprofundando campos teóricos importantes para a compreensão de fenômenos sociais em diferentes contextos e contribuindo para a elaboração de políticas públicas que favoreçam a garantia dos direitos humanos das populações.

As desigualdades e opressões, herdeiras do colonialismo e das colonialidades, são notáveis no contexto atual e revelam-se claramente nas políticas de migração com caráter securitário (MARINUCCI, 2017), progressivamente adotadas em nível global e amplamente no contexto brasileiro. As discriminações decorrentes do poder colonial, patriarcal e capitalista - cristalizadas no Brasil - retroalimentam o papel social e o lugar destinado às mulheres e ao povo negro, historicamente subordinados na hierarquia social.

Segundo Quijano (2005), o sistema de dominação social e exploração fundado pela modernidade e materializado pelo colonialismo se estruturou sobre a ideia de raça, enquanto categoria central ordenadora da modernidade. No bojo desta lógica, a colonialidade estabeleceu também o domínio (e abuso) dos corpos das mulheres indígenas, negras e mestiças (STOLKE, 2006), o que revela as intersecções entre racialização, gênero e sexualidade.

Com efeito, as interseccionalidades (CRENSHAW, 1989; HIRATA, 2014) se traduzem no cotidiano da vida das mulheres migrantes negras, expressivamente das migrantes oriundas de países do Sul Global, cujas experiências estão imersas em situações de violências, iniquidades de acesso às políticas públicas e violações de direitos humanos.

Neste sentido, este projeto visa desvelar as opressões de gênero, classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual vivenciadas por mulheres cisgênero (cis) e transgênero (trans) migrantes em diáspora no Brasil, à luz das interseccionalidades, a fim de subsidiar a elaboração de políticas públicas que garantam os direitos humanos desta população. Trata-se de um projeto de cooperação interinstitucional, que dá seguimento a uma experiência bem sucedida, desenvolvida no período de 2017-2021, financiada por edital CAPES-COFECUB, intitulada Projeto Vidas Paralelas Migrantes.

Dessa forma, apresentamos a metodologia do PROJETO MULHERES MIGRANTES NEGRAS EM DIÁSPORAS NO BRASIL - CARTOGRAFIA DAS OPRESSÕES que foi construída coletivamente e pactuada com as coordenações locais das seis universidades envolvidas, a fim de ser implantada nas respectivas regiões.

APRESENTAÇÃO

As desigualdades e opressões, herdeiras do colonialismo e da colonialidade, são notáveis no contexto atual e revelam-se claramente nas políticas de migração com caráter securitário (MARINUCCI, 2017), progressivamente adotadas em nível global e amplamente no contexto brasileiro. As discriminações decorrentes do poder colonial, patriarcal e capitalista - cristalizadas no Brasil - retroalimentam o papel social e o lugar destinado às mulheres e ao povo negro, historicamente subordinados na hierarquia social.

Segundo Quijano (2005), o sistema de dominação social e exploração fundado pela modernidade e materializado pelo colonialismo se estruturou sobre a ideia de raça, enquanto categoria central ordenadora da modernidade. No bojo desta lógica, a colonialidade estabeleceu também o domínio (e abuso) dos corpos das mulheres indígenas, negras e mestiças (STOLKE, 2006), o que revela as intersecções entre racialização, gênero e sexualidade.

Com efeito, as interseccionalidades (CRENSHAW, 1989; HIRATA, 2014) se traduzem no cotidiano da vida das mulheres migrantes negras, expressivamente das migrantes oriundas de países do Sul Global, cujas experiências estão imersas em situações de violências, iniquidades de acesso às políticas públicas e violações de direitos humanos.

Neste sentido, este projeto visa desvelar as opressões de gênero, classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual vivenciadas por mulheres cisgênero (cis) e transgênero (trans) migrantes em diáspora no Brasil, à luz das interseccionalidades, a fim de subsidiar a elaboração de políticas públicas que garantam os direitos humanos desta população. Trata-se de um projeto de cooperação interinstitucional, que dá

seguimento a uma experiência bem sucedida, desenvolvida no período de 2017-2021, financiada por edital CAPES-COFECUB, intitulada Projeto Vidas Paralelas Migrantes.

Dessa forma, apresentamos às coordenações regionais do **PROJETO MULHERES MIGRANTES NEGRAS EM DIÁSPORAS NO BRASIL - CARTOGRAFIA DAS OPRESSÕES** a metodologia a ser discutida, pactuada e implementada nas suas respectivas regiões no desenvolvimento do projeto.

METODOLOGIA PVP DE DIREITOS HUMANOS E FOTOGRAFIA

Trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), de abordagem qualitativa que será realizada nas cinco regiões do país através das “Oficinas PVP: Direitos Humanos e Fotografia”. Essas oficinas adotarão o método construído pelo Projeto Vidas Paralelas (PVP), coordenado pela Universidade de Brasília e implementado desde 2008 no Brasil (HOEFEL ET AL, 2012; HOEFEL E SEVERO, 2014; HOEFEL ET AL, 2015; HOEFEL, 2016; HOEFEL ET AL, 2016a; HOEFEL ET AL, 2016b; HOEFEL, 2017; HOEFEL; SEVERO; WASHINGTON, 2019; HOFEL ET AL, 2020a; HOEFEL ET AL, 2020b; HOEFEL ET AL, 2023), que apresenta alguns princípios teórico-metodológicos estruturantes, tais como: a) centralidade do “olhar” dos próprios sujeitos da ação; b) linguagem imagética e narrativas de vida como elemento metodológico norteador dos processos; c) perspectiva da educação popular com base em Paulo Freire (1994).

É importante assinalar que, ao longo de todo processo de construção do método do PVP e em consonância com os princípios anteriormente mencionados, o projeto sempre comportou algumas margens de adaptações e buscou autores capazes de iluminar o cenário social

desvelado, bem como elementos explicativos acerca do próprio método que foi se construindo. Assim, o PVP Migrantes ancorou-se em autores como Freire (1987), Rancière (2012), Didi-Huberman (2008) e Maffesoli (2008), para citar alguns.

Nesse atual projeto, com intuito de aprofundar as questões que o circundam e as suas especificidades, agregamos uma célebre autora, Conceição Evaristo. Buscaremos a partir das “escrevivências”, algo pensado pela escritora negra em seu projeto estético e político de dimensão investigativa, ética, política e metodológica (SOARES; MACHADO, 2017; BISPO; LOPES, 2017). Ela propõe as escrevivências enquanto uma escolha estética política em construção. A autora ressalta:

“Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as **ideias de escrever, viver, se ver.**” (EVARISTO, 2017)

Com base nos fundamentos citados acima, Batista (2023) amplia o conceito, agregando à ideia de escrevivência as dimensões de “o ler; se ler; se ver; se ouvir e escrever”. Estes atos como ressalta a escritora é:

“assenhorear-se da pena, este objeto falocêntrico branco que tomou para si a definição do regime de escrita reproduzindo narrativas canônicas de uma auto representação” (EVARISTO, 2005, p.54).

Estes cinco pontos podem ser considerados os pilares fundamentais a feitura das escrevivências, pois não se desvencilha de um projeto político pedagógico libertador (FREIRE, 2019; hooks, 2019), que parte de uma troca horizontal de conhecimentos, tendo por objetivo a humanização plena que é atravessada por um viés político de construção de consciência crítica, consolidando assim a materialização de vozes outras.

Embora não esteja fechada enquanto um conceito ou metodologia, os sentidos dados às escritivências na produção de conhecimento, pensado a partir de uma produção negra-diaspórica em especial da mulher negra, evidencia a importância do contato com as experiências de vida da população negra, que com mais este instrumento enseja a luta contra o racismo e os desdobramentos das inúmeras violências que a ele é engendrado (FONSECA, 2017).

Evaristo (2016) reflete a escrita como uma expressão de um fenômeno diaspórico e universal. A escrita, na perspectiva da escritivência, é também um ato político, de resistência e resgate da ancestralidade ao passo que reconta - a partir de outra perspectiva - histórias. É uma intersecção entre a escrita e a vivência, é um processo que traz relação com a dinâmica da vida e da realidade social de grupos historicamente marginalizados, que converte as vivências individuais invisibilizadas em narrativas potentes e literárias coletivas.

Com relação à metodologia de Análise de Imagem de Hoefel (2016), ela é alicerçada teoricamente na articulação entre espaços de experiências do comum sensível, com base em Rancière (2012), “liberdade estética” de Didi-Huberman (2008) e “razão sensível” de Maffesoli (2008). O cruzamento de tais eixos teóricos levaram à hipótese de que a metodologia do Projeto Vidas Paralelas (PVP) cria espaços de partilha e constitui locus da experiência do comum sensível por meio das Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia.

Espaço que permite a construção de identidades e estabelece processos de constituição de novos sentidos e de sujeitos, através da mediação entre imagens, narrativas, singularidades dos participantes-autores, com suas histórias de vida e racionalidades próprias. A emergência do comum por meio de experiências sensíveis (plásticas,

performáticas, narrativas, sonoras, etc), cuja dimensão participativa na elaboração de um plano comum surge como perspectiva de emancipação política/estética.

Ao mesmo tempo, esses são espaços de “liberdade estética” que, conforme assinala Didi-Huberman (2008), permitem a implicação dos sujeitos e, por consequência, levam às transformações e à aparição de novos pensamentos e atitudes a partir da relação com imagens e das narrativas que possibilitam o ato de sentir, interagir, refletir, criar e agir. Esse espaço parece suscitar a “razão sensível” da qual trata Maffesoli (2008), uma vez que seu elemento disparador não parte da razão instrumental. Ao contrário, são as emoções, os sentidos e o desejo de partilha disparados pelas imagens e narrativas que parecem amalgamar o processo, em ressonância com apontamentos de Maffesoli (2008).

Diante das novas referências ligadas às mulheres negras em diásporas, essa metodologia ganhará novos contornos a partir do conceito da escrevivência.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-ação multicêntrica, de abordagem qualitativa, que terá como sujeitos do estudo mulheres migrantes negras em diáspora em Brasília, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Porto Alegre, Recife e Rio Branco. O estudo adotará o Método do Projeto Vidas Paralelas (HOEFEL ET AL, 2020), que consiste na utilização de imagens e narrativas para identificar potencialidades e vulnerabilidades no contexto investigado.

O método ancora-se na realização de Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia, construção coletiva do conhecimento a partir da imagem, de narrativas, da análise coletiva de dados, realização de Exposições Fotográficas, produção de Catálogos imagéticos, elaboração de Dossiê destinado aos gestores governamentais e migrantes, promoção de processos de empoderamento, bem como demais processos inerentes a toda pesquisa.

As Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia estarão centradas na concepção de espaços de experiência do comum sensível. Cabe assinalar que as Oficinas constituem, simultaneamente, espaços de produção coletiva do conhecimento, formação, articulação, criação de alternativas e promoção da emancipação social. Desse modo, converge com os fundamentos de Freire, o qual assinala que, quando os oprimidos descobrem-se sujeitos, deflagram em si um processo de libertação no qual vão desvelando o mundo da opressão e comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação.

Os dados serão coletados por meio das Oficinas PVP de Direitos Humanos e Fotografia; Diário de campo; Registro de imagens e voz. As participantes serão mulheres migrantes negras, recrutadas por meio da

técnica denominada Snow ball, até que se alcance o ponto de saturação dos dados.

Serão realizadas 10 “Oficinas PVP de Fotografia e Direitos Humanos” em cada uma das cidades citadas, totalizando 60 Oficinas. A primeira fase de análise dos dados será realizada durante as Oficinas, de modo coletivo, e posteriormente será empregada a Análise de conteúdo de Bardin (1977). Com a finalização das Oficinas e simultaneamente à implementação do plano de ação, serão elaborados 06 catálogos das imagens e narrativas trabalhadas até então.

Na etapa final do Plano de Ação será realizado um processo de educação permanente para os profissionais de saúde da Rede SUS das respectivas cidades, através de 03 “Oficinas de formação em saúde” em cada cidade, totalizando 18 Oficinas de educação permanente, as quais serão subsidiadas pelos achados advindos das oficinas com as mulheres migrantes negras e contarão com a participação delas em cada capacitação.

Após a implementação do Plano Ação serão realizados Relatórios parciais que serão apresentados, como resultado do trabalho de campo, nos 06 Seminários sobre Migração, Raça, Gênero e Saúde, que contarão com a participação das mulheres migrantes negras e demais atores envolvidos. Ressalta-se que juntamente aos Seminários, serão realizadas 06 Exposições Fotográficas do projeto, a fim de partilhar as experiências e visibilizar as realidades desveladas.

Por fim, será realizado 01 Seminário Final com a participação das mulheres migrantes negras, professores, estudantes, pesquisadores e profissionais do SUS, a fim de realizar a análise coletiva e elaboração do Relatório Final, bem como a Exposição Fotográfica e o Catálogo de fechamento do projeto.

Dito isto, a seguir aborda-se detalhadamente a metodologia das “Oficinas Direitos Humanos e Fotografia”, por tratar-se de elemento central e diferencial do método criado pelo PVP Migrantes.

ETAPA 01 - Percorrendo o Mundo - Duração: 2 à 4 horas

A primeira etapa do método das “Oficinas PVP de Direitos Humanos e Fotografia” busca iniciar o processo de construção do espaço do comum sensível (Rancière, 2005) a partir dos percursos inscritos sobre um mapa.

O método propõe uma etapa para “percorrer o mundo”, no sentido de propiciar conexões por meio da representação cartográfica (mapa mundi), facilitando a reflexão acerca das aproximações entre origens, trajetos, memórias e significações através da imagem e das narrativas. Assim, as participantes são convidadas a traçar no mapa mundi os seus percursos e compartilhar brevemente suas origens e trajetos.

No mapa geográfico do mundo, serão traçadas as rotas migratórias de cada participante. Essa atividade possibilita repensar os caminhos de um lugar para outro, identificar os itinerários que se cruzam, comparar rotas, conhecer outros lugares através do relato de viagem, compartilhar experiências sobre a negritude ao redor do mundo e tratar de antigas migrações que deram origem às populações contemporâneas.



Percorrer o Mundo:
registro de rotas
migratórias sobre o
mapa mundi.
Oficinas de Direitos
Humanos e
Fotografia com as
coordenadoras do
Projeto Mulheres
Migrantes Negras
em Diásporas no
Brasil: cartografia
das opressões,
Brasília, 2024.

Atividade: Com o mapa fixado na parede, cada participante irá traçar seu percurso de migração, entre o local de origem e o atual.

Recursos/Materiais necessários: mapa mundi, marcadores de diferentes cores, fita adesiva ou outro material de fixação do mapa.

Duração: de 2 à 4 horas

ETAPA 02 - Mostrar sua foto - Duração: 2 à 4 horas

A segunda etapa das Oficinas do PVP busca desvelar o cotidiano de vida das mulheres negras em diásporas a partir da fotografia e de suas próprias experiências, olhares e falas. Evidenciando as opressões de classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual, à luz das interseccionalidades.

Para tanto, cada participante leva para a Oficina uma fotografia que representa para si mesma a experiência de mulher negra em diáspora. A imagem é de livre escolha, podendo ou não ser produção própria. Então, cada uma das participantes apresenta e fala sobre sua foto.



Fotografia apresentada pelas participantes da Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: cartografias das opressões, Brasília, 2024. Referência: Lélia Gonzalez por César Loureiro, antes de 1994, Revista Cult.

Atividade: Cada participante apresenta uma fotografia de sua escolha (solicitada previamente com referência na temática das interseccionalidades) sobre a experiência de mulher negra em diáspora, evidenciando as opressões.

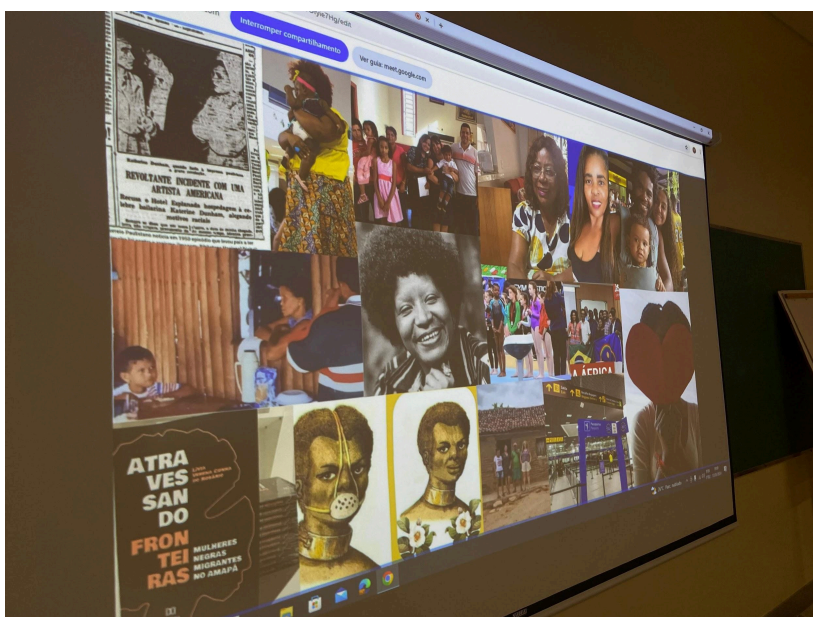
Recursos/Materiais necessários: Fotografia escolhida previamente, impressas em papel simples ou em formato digital para projeção.

No caso de impressão: papel, impressora.

No caso de projeção: projetor, computador, ponto de energia, superfície de projeção.

Duração: 2 à 4 horas

ETAPA 03 - Escolher uma foto - Duração: 1 hora



Escolher uma foto: apresentação, partilha da foto escolhida por cada participante e debate sobre as imagens e sentidos evocados das fotografias. Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: cartografias das opressões, Brasília, 2024.

Após a finalização da partilha e reflexão acerca de cada uma das fotografias apresentadas pelas mulheres negras em diáspora, o grupo é convidado a escolher uma fotografia dentre todas as apresentadas, com o objetivo de realizar uma análise coletiva e reflexão aprofundada da imagem.

O processo estimula a emergência do comum sensível por meio da escolha de uma única foto que une todas as outras imagens e narrativas. Trata-se, portanto, de encontrar as convergências sem ocultar as diferenças.

Atividade: Seleção de uma imagem e debate sobre a escolha.

Recursos/Materiais necessários: fotografias previamente apresentadas.

Duração: 1 hora

ETAPA 04 - Processo de criação - Duração: 2 à 4 horas

A quarta etapa do método das Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia é destinada ao trabalho de expressão artística dos significados evocados pela imagem escolhida pelo grupo na etapa anterior. São realizadas produções plásticas, performances, dança, teatro, expressão escrita oral e outras formas.

Nesta etapa, é solicitada às pessoas participantes que observem a foto escolhida relacionada ao tema e que, embasadas nas etapas anteriores da Oficina, se expressem com os materiais disponíveis, narrativas, significações e o contexto evocado pela imagem.

Esse é um momento de escolha, no qual emerge um olhar, um posicionamento, uma forma de interagir, um mover-se que interroga e reordena o espaço. Uma especificidade dessas oficinas é o movimento entre práticas verbais e corporais como meio de inscrever o sentido da comunidade (RANCIÈRE, 2005).

Esta etapa põe em jogo uma esfera individual da criação na relação sujeito-imagem-conceito e uma esfera coletiva da criação que agrega à primeira as relações interpessoais e ambientais. Ambas trabalham no

sentido do fortalecimento de um comum sensível, pelo balanço entre individual e coletivo.



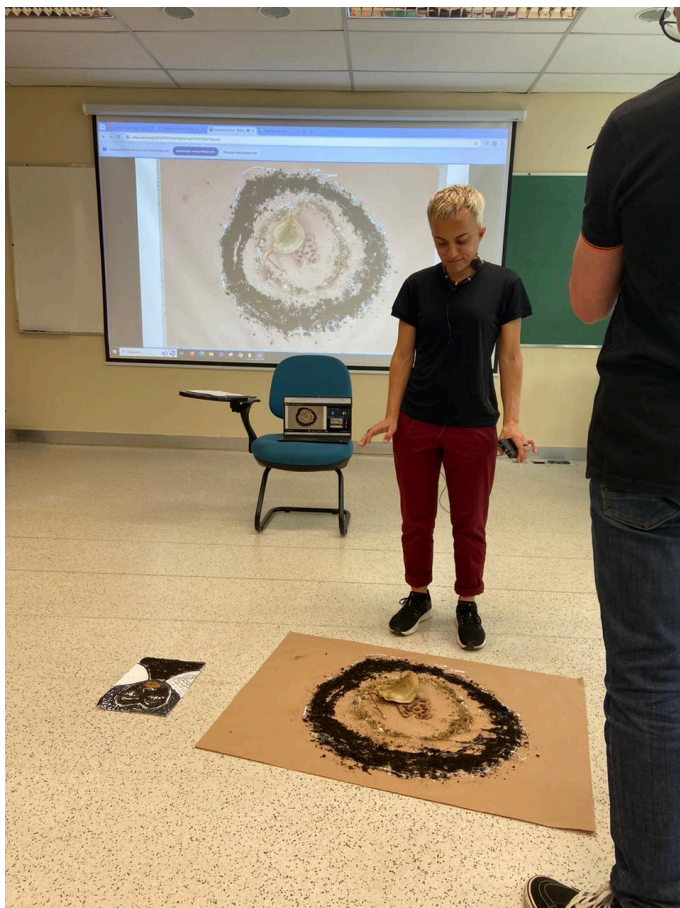
Sala preparada para receber o Processo de Criação: momento de expressão artística dos significados evocados pela fotografia escolhida pelo grupo na etapa anterior através de produções plásticas, performances, dança, teatro, expressão escrita oral e outras formas. Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: cartografias das opressões, Brasília, 2024.

Atividade: Criação artística livre, apoiada pela fotografia escolhida, narrativas, vivências e reflexões anteriores.

Recursos/Materiais necessários: terra, argila, água, materiais naturais, grandes folhas de papel, com texturas diferentes, canetas, lápis, marcadores, canetinha, tecidos, capulanas, sementes, tintas (ver lista de materiais). Espaço dedicado à utilização de materiais perecíveis, papéis, tintas, etc.

Duração: 2 à 4 horas

ETAPA 05 - A partilha do sensível - Duração: 1 à 2 horas



A partilha do sensível: apresentação, partilha do processo de criação. Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: cartografias das opressões, Brasília, 2024.

Logo depois do processo criativo, o grupo compartilha suas expressões oralmente. Esse momento evidencia o que Jacques Rancière (2005) denomina de partilha do sensível, ou seja, o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. O comum se expressa inicialmente com a escolha da foto a ser trabalhada. Ele se desdobra em objeto plástico, texto, escrita, música, desenho, etc.; se intensifica por meio da fala e do gesto que compõem a partilha dos

sentidos pessoais em relação à escolha coletiva. É o lugar do comum sensível onde se estabelece também a diferença.

Atividade: Apresentação oral da criação artística.

Recursos/Materiais necessários: Criações e espaço de fala.

Duração: 1 à 2 horas

ETAPA 06 - Na trilha dos direitos: Cartas Negras, um exercício de escrivência - Duração: 3 à 4 horas

A sexta etapa visa realizar a reflexão crítica sobre os direitos das mulheres negras em diáspora, levando em conta as Cartas Negras, diretamente relacionadas à história de um grupo de escritoras e amigas negras, respectivamente: Miriam Alves, Sônia Fátima da Conceição, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo que integravam os Cadernos Negros. Essas autoras começaram a se corresponder por cartas, em 1991, apoiando-se a fim de estimular a escrita umas das outras (DUARTE; NUNES, 2020). Esta etapa busca o incentivo e o estímulo à escrita acerca dos direitos das mulheres negras em diáspora.

Essa etapa consiste na leitura de um conto de Conceição Evaristo com a presença central de personagens negros. Após a leitura um debate é feito e depois em grupo ou individualmente uma carta será redigida para um personagem da história ou alguém que a escritora da carta acredita que poderia ser inspirado por aquele conto. Após este processo, uma leitura em voz alta é feita para ouvirmos a voz de todas. Segue-se reflexões sobre as dificuldades sociais e caminhos de resistência incorporados pelas personagens, desenvolvendo assim olhares mais sensíveis e atentos para valorização das experiências estéticas e políticas.

As cartas negras preparam uma escrita alerta às vivências das mulheres negras contextualizadas em processos coletivos de opressão e resistência.

Para as participantes que não lêem ou não escrevem na língua portuguesa, as transcrições de fala, audiolivros ou suporte de leitura digital podem ser utilizados.

Atividade: Leitura, debate e criação textual a partir das Cartas Negras.

Recursos/Materiais necessários: Fotocópias dos contos; papéis e canetas.

Duração: 3 à 4 horas

Link para Escrevivência - a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo:

[<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>]]

Link para o PDF “Insubmissas lágrimas de mulher” de Conceição Evaristo: [

https://unbbr-my.sharepoint.com/:b:/g/personal/negrasemdiaspora_unb_br/Eckkb6TjqfxHi4Mdhdw0JeABJUNOQ-lfRGoJ3zQEdNI2Bg?e=LlufSV]. Acesso em 29 de nov. 2024.

Link para os capítulos do áudio livro “Insubmissas lágrimas de mulher” de Conceição Evaristo (Voz das Letras - Audiolivros - YouTube):

PARTE 1: <https://www.youtube.com/watch?v=uTlfrZTjwQ>

PARTE 2 FINAL: <https://www.youtube.com/watch?v=ucXUnBjftg>

ETAPA 07 - Na trilha dos direitos: Mulheres Negras em Cena - Duração: 3 à 4 horas.

Criação de roteiros e/ou diálogos para dramatizações a partir de questões-chaves sobre a vida/trabalho da mulher migrante negra ou inspiradas em imagens fixas (frames) de filmes que abordam percursos e

experiências dessas mulheres. Com o intuito de tratar das invisibilidades, opressões, lugares de fala, olhares, interpretações, lutas e resistências.

No caso das imagens fixas (frames) de filmes, propõem-se também uma reflexão sobre as representações da vida e do cotidiano das mulheres negras no cinema. Como toda mídia, o cinema tem o poder de denunciar, de moldar e de manipular narrativas, podendo gerar preconceitos e também fomentar redes de apoio, de denúncia, de resistência e de solidariedade.

Atividade: Criação de roteiros e/ou diálogos para dramatizações.

Recursos/Materiais necessários: Seleção de frames de filmes sobre a migração. no caso de palavras chave, a seleção das mesmas.

Duração: 3 à 4 horas

Sugestões de Filmes:

A Boa Mentira (Philippe Falardeau, EUA/Quênia/Índia, 2015); Assédio. L'assedio (Bernardo Bertolucci, Itália, 1999); La noire de... (Ousmane Sembène, França e Senegal, 1966); Rien ne nous arrivera (Emna Najjar, 2017, vídeo préparatoire).

Nova lista de filmes em construção.

ETAPA 08 - Na trilha dos direitos: escrita da Carta de Direitos das Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil -

Duração: 6 à 8 horas

Essa etapa visa realizar a reflexão crítica sobre os direitos das mulheres negras em diáspora, levando em conta as narrativas imagéticas e demais narrativas evocadas nas etapas anteriores e em documentos oficiais relativos aos direitos humanos.

Todas as Oficinas serão gravadas em áudio e/ou vídeo, atentando para a qualidade dos áudios que serão transcritos através do website <https://turboscribe.ai/pt/>, cuja conexão será disponível para cada núcleo (login e senha com coordenadoras). Essas transcrições são utilizadas para compor jogos de palavras, organizadas e formatadas através da ferramenta online [WORD ART](#) (cada coordenação deverá criar uma conta própria para a edição de seu material).

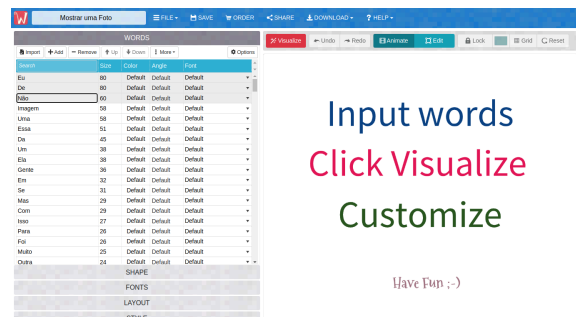
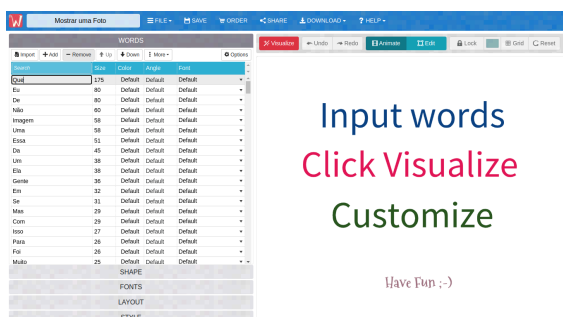
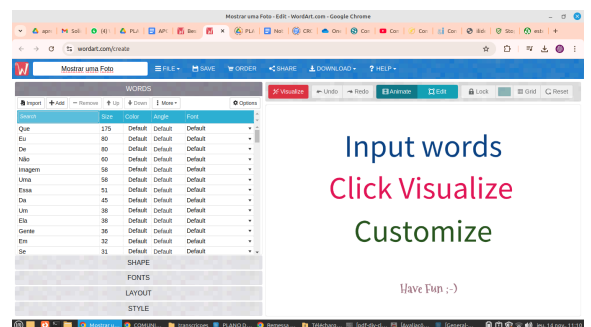
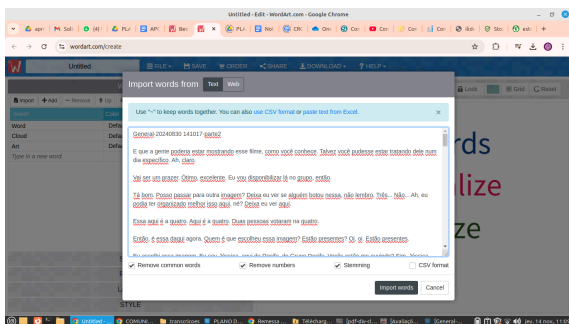
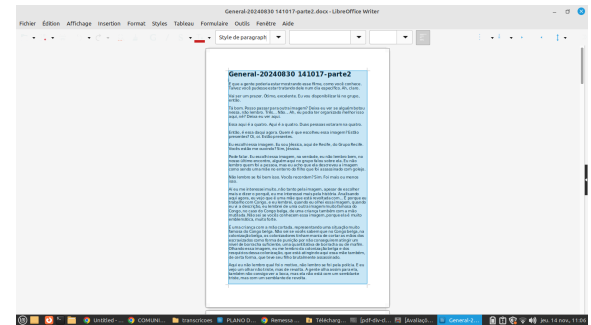
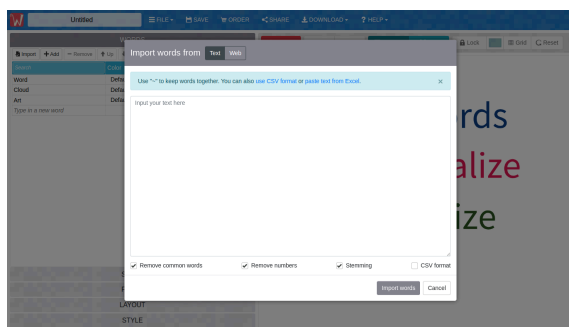
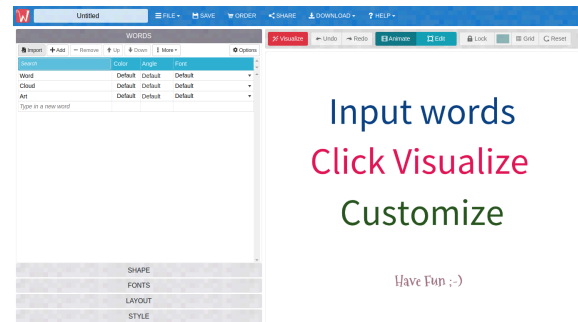
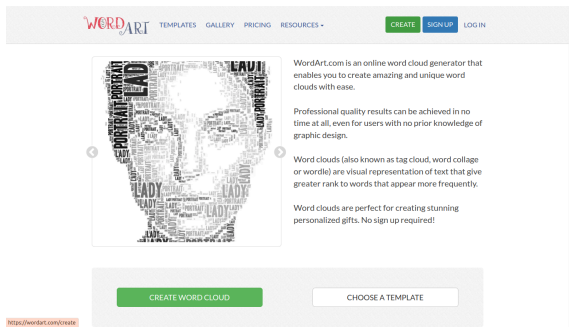
Esse jogo de palavras resulta na “transtextualidade” (GENETTE, 1982), ou seja, na relação entre textos, especificamente os textos gerados a partir dos discursos das mulheres durante as Oficinas, discursos vinculados às opressões de classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual vivenciadas pelas participantes, à luz das interseccionalidades.

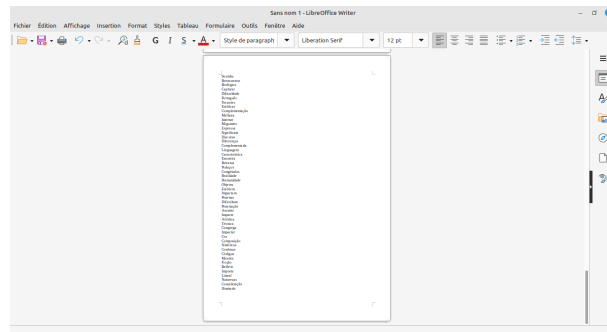
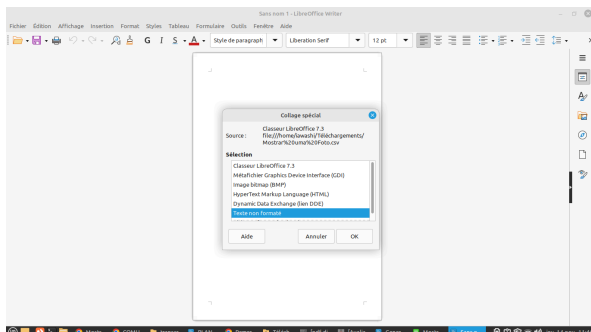
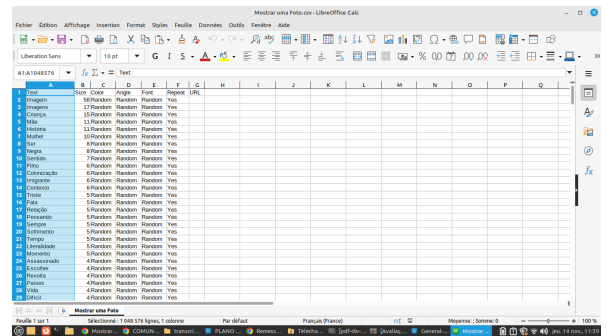
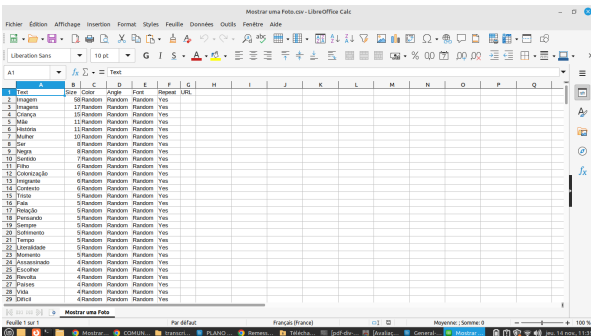
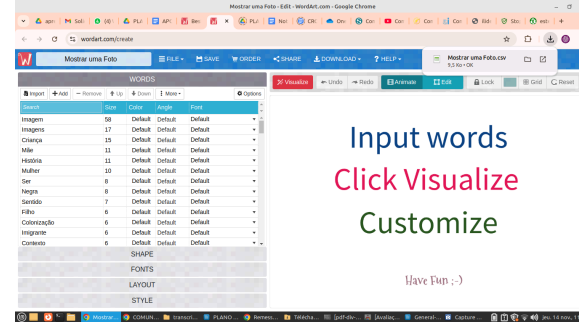
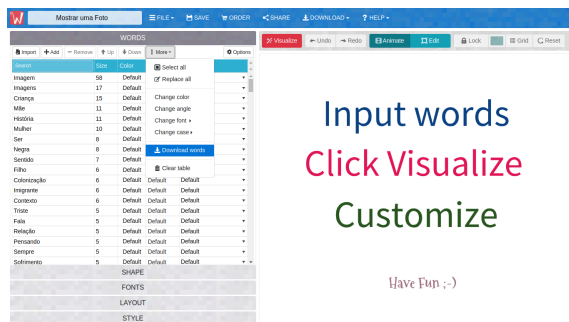
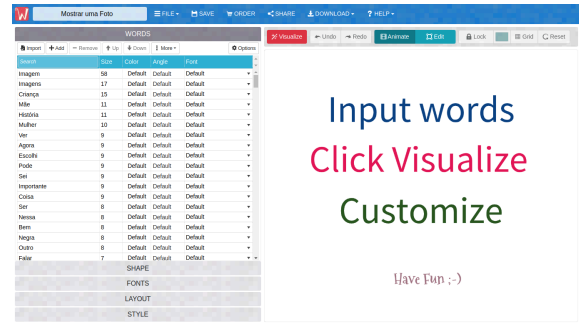
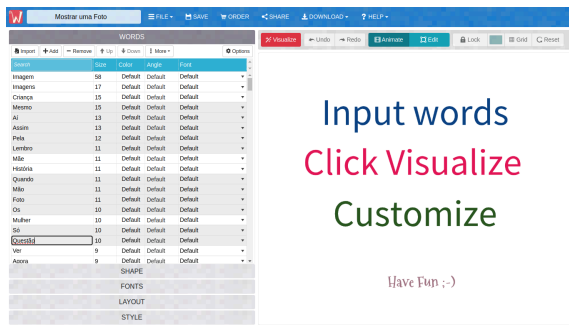
A seleção de palavras para compor o jogo de palavras deverá ser baseada nas etapas 1, 2, 3, 5, 6 e 7 da metodologia (percorrer o mundo, mostrar uma foto, escolher uma foto, partilha do sensível, na trilha dos direitos: cartas negras e mulheres negras em cena). O processo de construção do jogo de palavras segue as seguintes etapas:

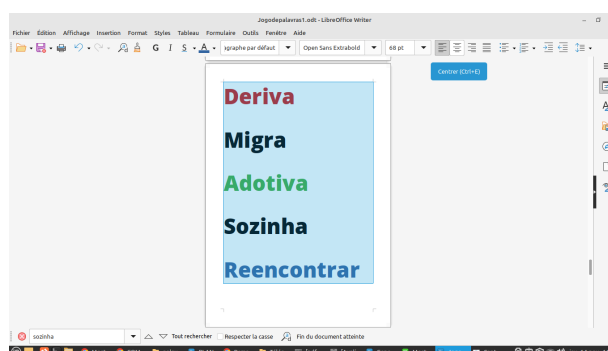
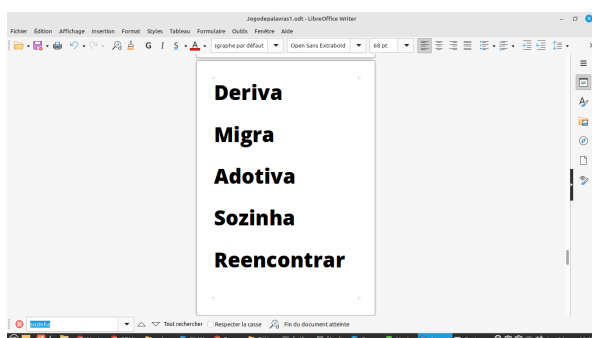
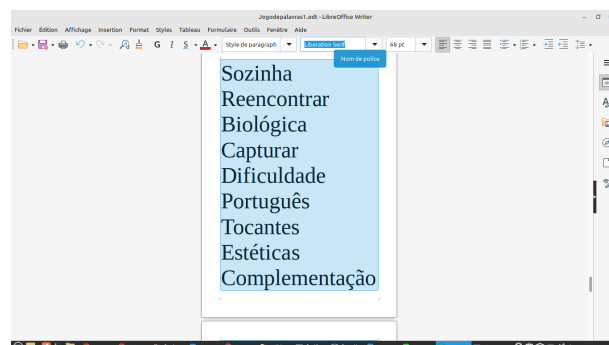
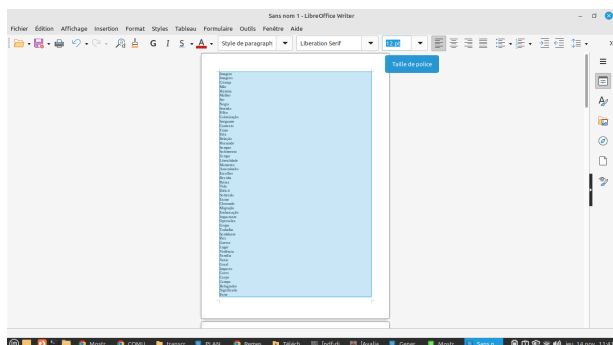
1. Transcrição dos áudios: no site (<https://turboscribe.ai/pt/>) subir a totalidade dos áudios para transcrição em português;
2. Leitura flutuante das transcrições marcando os parágrafos mais significativos, de forma a facilitar o entendimento do contexto geral dos textos;

3. Criação da lista de palavras: com as transcrições em mãos utilizar a ferramenta [WORD ART](#) para criar uma lista que apresentará automaticamente as palavras que se repetem no texto;
4. Seleção de palavras: Selecionar palavras que se destacam e que se repetem, que expressam os sentidos dos discursos, evidenciam as problemáticas levantadas, que tenham força simbólica, que deem visibilidade às situações vivenciadas. Essas podem estar presentes em grande quantidade ou minimamente presentes. Esta seleção pode ser feita diretamente na ferramenta [WORD ART](#) através da exclusão de palavras. O resultado de tal seleção constitui o jogo de palavras à ser utilizado para a escrita da Carta de Direitos
5. Edição e impressão do jogo de palavras: Baixar a lista de palavras gerada no [WORD ART](#); copiar e colar as palavras num documento WORD; escolher uma ou mais fontes de fácil leitura e de impacto visual; escolher cores para as palavras de forma livre (identificando unidades de registro ou não); aumentar o tamanho das fontes até que cada uma das palavras ocupe horizontalmente uma folha A4 layout retrato; centralizar o texto; separar as palavras recortando-as das folhas.

Os passos para a utilização do WORD ART estão exemplificados nas capturas de tela a seguir:







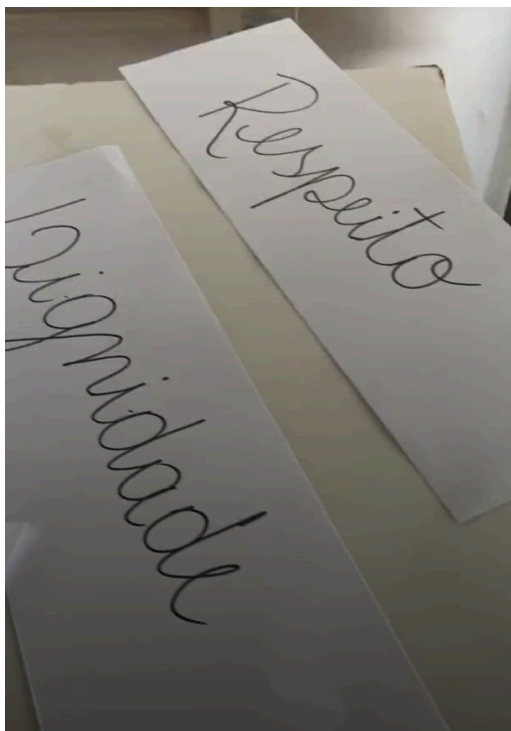
Essa etapa prevê que num encontro semanal o jogo de palavras seja disponibilizado em papel impresso sobre uma mesa ou tecido no centro da sala e que as mulheres negras sejam convidadas a selecionar algumas dessas palavras e construir frases relativas às opressões de gênero, classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual que serão apresentadas/problematizadas coletivamente, continuando o exercício de transtextualidade. As frases escritas em papel com tamanho mínimo A3 serão fixadas sobre uma parede para visualização coletiva e a discussão tratará da elaboração de artigos de direitos que contemplem garantias mínimas necessárias à dignidade das mulheres negras migrantes. Tais artigos irão compor a Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil.

Num segundo encontro semanal resgata-se as questões abordadas no encontro anterior com o intuito de uma escrita coletiva da Carta de

Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil, um documento que aponta as demandas dessas mulheres.

Entre os dois encontros as mulheres negras migrantes farão o estudo de documentos oficiais relativos aos direitos humanos, como: [Declaração de Direitos Humanos de 1948](#); [Convenção Internacional sobre a Protecção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias](#) adotada em 1990; [Lei de Migração](#) (Lei nº 13.445/2017); [Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular de 2016](#); [Declaração e o Programa da Ação de Durban](#) adotada em 2001 na África do Sul; [Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher](#) (Decreto nº 4.377/2002); [Conferências Mundiais da Mulher](#), com o objetivo de conhecer declarações de direitos reconhecidas nacional e internacionalmente para subsidiar a escrita da Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil.

Nesse mesmo tempo, a equipe organizadora da Oficina digitará o conteúdo manuscrito das frases criadas a partir do jogo de palavras num único documento editável. As frases devem ser organizadas de modo a compor uma primeira versão da Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil. No encontro presencial esse documento será projetado sobre uma parede por meio de um projetor multimídia e simultaneamente uma facilitadora/participante da Oficina fará as modificações sugeridas pelo grupo de mulheres negras migrantes através de um software editor de texto (ex. Word). O intuito da projeção do texto é de tornar acessível ao grupo uma visão geral do documento, facilitando o debate e possibilitando a edição coletiva para construir a versão final da Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil.



Na trilha dos direitos. Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: Cartografias das Opressões, Brasília, 2024.

Atividade: Transcrição dos áudios no site <https://turboscribe.ai/pt/>; Leitura flutuante das transcrições; Criação da lista de palavras usando a ferramenta [WORD ART](#); Seleção de palavras; Edição e impressão do jogo de palavras. Escrita sobre os direitos à partir do jogo de palavras (tarjetas); Leitura de documentos relativos aos direitos das mulheres migrantes; Digitação e formatação dos conteúdos manuscritos; Projeção, debate e edição; Criação da Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil.

Recursos/Materiais necessários: acesso ao site <https://turboscribe.ai/pt/>; acesso à ferramenta [WORD ART](#); acesso à um editor de texto; impressora, papel A4. Tarjetas impressas ou manuscritas com as palavras selecionadas, previamente preparadas. Canetas, tesouras, cola. Projetor, computador, quadro branco.

Duração: 6 à 8 horas

Etapa 09 - Propor ações - Construção do Plano de Ação

Esta etapa da Oficina transpõe as reflexões e criações oriundas da dimensão sensível e da discussão em torno dos direitos humanos e gera outras formas de criação que configuram alternativas de ação no cotidiano da vida. Desenvolvem-se processos de construção de estratégias de ação capazes de intervir socialmente.

É um momento que busca avançar no sentido da emancipação estética, desencadeando processos de participação mais amplos, onde o comum se amplia até a dimensão macro-social e política. É um momento de decisão coletiva em relação à continuidade das ações em conjunto.

Um dos processos que compõem as Oficinas Direitos Humanos e Fotografia é o encorajamento à proposição de ações que possam de alguma forma solucionar um problema e/ou ampliar uma reflexão em comum.



Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia com as coordenadoras do Projeto Mulheres Negras Migrantes em Diáspora no Brasil: Cartografias das Opressões, Brasília, 2024.

Nesta etapa será criado um plano de ação regional que terá como ponto inicial a Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil, resultado da etapa anterior.

A Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil será norteadora da construção das ações do plano de ação regional, com o intuito de dar visibilidade às demandas e de construir alternativas e políticas públicas. Os planos serão implementados de acordo com o Cronograma Geral do Projeto e subsidiarão a elaboração de um plano de ação nacional de educação permanente no SUS. Articulando a participação das mulheres negras em diásporas em conselhos/comissões regionais e nacionais para a construção de políticas públicas que contemplem suas demandas.

No Plano de Ação deverá constar: estratégia, objetivo, ação, prazo, responsável. Periodicamente o Plano de Ação será avaliado e abordará avanços, dificuldades e encaminhamentos. Poderá ser utilizado o Roteiro de Plano de Ação que segue no link : [Roteiro de Plano de Ação](#)

Atividade - Construção do Plano de Ação a partir da Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil;

Recursos/Materiais necessários: Carta de Direitos das Mulheres Negras em Diáspora no Brasil redigida, levantamento das demandas e processo de construção e acesso às políticas públicas relativas à migração. Papéis e canetas, projetor, computador, etc.

Duração da construção do plano de ação: 10 dias

Duração da implementação do plano de ação regional: 9 meses

Criação da Rede de Mulheres Migrantes oriundas de Países do Sul Global

O Projeto Vidas Paralelas tem como princípio o envolvimento de movimentos sociais, grupos e organizações da sociedade civil.¹ A criação de redes e de organizações coletivas são premissas para a continuidade das ações, reflexões e processos de emancipação mesmo após o término da implementação dos projetos, estabelecendo vínculos duradouros capazes de transformar a realidade de vida dos implicados, como no caso do Ambulatório de Saúde Indígena do Hospital Universitário de Brasília (Hoefel et al, 2015) entre outros.²

A criação da Rede de Mulheres Negras em Diásporas no Brasil busca conectar-se com outras redes de mulheres migrantes negras no Brasil e no Sul Global com o objetivo de troca de experiências de luta pelos direitos das mulheres negras migrantes na diáspora. Busca também: promover reflexões, mobilizações e ações coletivas afirmando os direitos humanos das mulheres negras migrantes; e mapear os direitos humanos e as políticas públicas demandadas por essas mulheres; Identificar e mensurar

¹ Trabalhadores vinculados ao Movimento Sindical e Movimentos de Saúde do Trabalhador (2008); Movimento Indígena (2010); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Movimento das Mulheres Camponesas - MMC e Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - CONAQ (2012); Rede de Parteiras do DF/GO (2013); Associação Centre ABC, trabalhadores desempregados beneficiários do Revenu de Solidarité Active -RSA (2015); Instituto Migrações e Direitos Humanos - IMDH, Movimento dos Sans-Papiers, Associação Archives de l'Immigration Familiale - ARIFA, com mediadoras socioculturais, Secours Catholique - Caritas, Ligue des droits de l'homme - LDH (2016).

² Rede latino-americana Rede Escola Continental em Saúde do Trabalhador/REC-ST (Brasil, Argentina, Peru e Colômbia); Ambulatório de Saúde Indígena do Hospital Universitário de Brasília (Hoefel et al, 2015); Memorial Zé Maria, um espaço sociocultural destinado à preservação da memória e da história de uma liderança camponesa assassinada, envolvida na luta contra os agrotóxicos; Exposições Fotográficas do PVP (2009-2023); Cooperação internacional de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior e Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil (CAPES/COFECUB), para desenvolver pesquisas com migrantes no Brasil e na França, numa parceria entre a Universidade de Brasília, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Universidade Paris 13 e a Universidade Paul Valéry. As pesquisas se realizaram em quatro cidades: Brasília, Rio de Janeiro, Paris e Montpellier. (PVP Migrantes, 2016)

os tipos de violências e violações sofridas por essas mulheres; Conhecer o nível de acesso às políticas de saúde, educação, trabalho, cultura e habitação; Promover o empoderamento destas mulheres, o fortalecimento dos processos de resistência e a luta pela garantia dos direitos humanos; Fomentar diálogos e troca de experiência entre mulheres migrantes negras em diáspora; Incentivar processos de troca de conhecimentos no campo dos direitos humanos; Criar espaços de diálogos, de reflexão crítica e de aprofundamento teórico à luz das interseccionalidades; Dar visibilidade e combater às opressões de gênero, classe, raça/etnia, nacionalidade, status migratório e orientação sexual.

Atividade - Criação Rede de Mulheres Migrantes oriundas de Países do Sul Global

Recursos/Materiais necessários: Instagram, Facebook, Youtube, whatsapp, site do projeto

Duração: todo o projeto

Cineclubes

O cineclube é um espaço com o objetivo de fortalecer as identidades culturais, com enfoque em obras e debates ligados às questões de raça/etnia, gênero, nacionalidade e classe social; e difundir as linguagens imagéticas e artísticas enquanto dispositivos para produção de conhecimento, reflexão e inclusão social. O cineclube das Mulheres Negras Migrantes em Diásporas no Brasil será uma atividade de caráter democrático, educativo e participativo, através do acesso a diferentes

linguagens cinematográficas e atividades culturais conexas realizadas após a exibição dos filmes, tais como: debates, palestras, oficinas, eventos, etc.

O cineclube será difundido nacionalmente através de proposições dos núcleos regionais. Cada núcleo terá um coordenador responsável pela organização da equipe curatorial regional, composta por mulheres migrantes negras e demais pesquisadores, proponente da programação e de atividades conexas. A comunicação, produção, mediação, crítica e preparação e difusão de arquivos ficam a cargo dos núcleos regionais sob a supervisão da coordenação nacional.

A difusão nacional se fará mensalmente através de canal próprio na plataforma youtube. A cada mês, durante todo o período de implementação do projeto, um filme indicado por um dos núcleos será objeto de debate. É indispensável a presença de todos os núcleos regionais a cada difusão mensal através do canal youtube.

As ações do cineclube estarão conectadas à Rede de Mulheres Negras Migrantes em Diásporas no Brasil, que serão convidadas a participar dos debates e demais atividades.

A coordenação nacional do projeto disponibilizará uma lista de filmes a título de sugestão, fruto da disciplina Migração, Saúde e Direitos Humanos (UnB), para apoio na elaboração da programação.

Atividade - seleção e exibição de filmes, com difusões mensais em plataforma online e encontros presenciais, assim como debates, oficinas, palestras relacionadas ao tema das opressões. Encontros mensais.

Recursos/Materiais necessários: Plataforma de difusão de vídeo e discussão online (Youtube); sala para projeção e encontros

presenciais/virtuais; projetor, computador, superfície de projeção (parede ou tela).

Duração: todo o projeto, com encontros mensais.

ETAPA 10 - Exposições, catálogos, seminários: Criação e produção de exposições e catálogos regionais: Todos os Olhares e Todos os Afetos

Destaca-se que o método do Projeto Vidas Paralelas inclui a realização de um catálogo e de uma Exposição Fotográfica como um dos produtos da experiência, com o intuito de dar visibilidade ao olhar dos próprios sujeitos sobre seu cotidiano de vida e sensibilizar o conjunto da sociedade acerca de realidades historicamente veladas. Esta proposta visa ser um instrumento de ação política que estimule os sujeitos e coletivos a construir outras estratégias de luta que favoreçam a organização social e a garantia dos direitos humanos.

A exposição tem três objetivos: o primeiro deles é de caráter político, haja vista que a Exposição Fotográfica constitui um dispositivo que visa conferir visibilidade aos direitos das mulheres negras em diásporas, bem como evocar às sociedades as demandas por políticas públicas ainda não contempladas. Outro objetivo se refere ao caráter documental, que almeja valorizar a memória, a história e as experiências vivenciadas ao longo do processo. Por fim, o terceiro objetivo, tão importante quanto os demais, diz respeito ao caráter artístico, que apresenta as criações imagéticas, narrativas e todas as outras formas visuais, plásticas, cênicas e textuais criadas durante a Oficina, relacionadas às expressões coletivas e subjetivas,

valorizando a arte enquanto dimensão intrínseca da vida e indissociável do caráter político.

Para a organização das imagens e facilitação da curadoria dos catálogos e da exposição, durante as Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia, todas as imagens produzidas e compartilhadas, os vídeos e áudios deverão ser arquivados em drives exclusivos para o projeto nos núcleos, com cópia no Onedrive do Projeto na UnB, na pasta [Backup Oficina de Direitos Humanos e Fotografia](#).

Em seguida, através do [Tainacan](#) (uma plataforma de repositório digital de código aberto para gerenciar e publicar as coleções digitais do projeto) as imagens deverão ser subidas e catalogadas de acordo com as diretrizes do projeto, a serem disponibilizadas em momento oportuno. Cada núcleo terá uma pessoa responsável por participar da formação sobre a plataforma [Tainacan](#) e da organização e catalogação das imagens na mesma. O [Tainacan](#) servirá como acervo do projeto e também para a co-criação dos Catálogos imagéticos, para a apresentação das Exposições Fotográficas virtuais e como ferramenta curatorial.

Através da plataforma [Tainacan](#) catálogos em formato PDF poderão ser baixados e impressos em tiragem máxima de 60 exemplares por núcleo, para divulgação do trabalho durante a implementação do Plano de Ação e as Oficinas de educação permanente em saúde e seminários.

Ações de apresentação de imagens digitais também podem ser realizadas pelos 06 núcleos durante as Oficinas de educação permanente em saúde. Uma possibilidade seria a projeção de vídeo-registro de qualquer uma das etapas metodológicas do projeto, pois a partir da visualização do vídeo seria possível tratar dos conteúdos que deram origem a tal processo, ou seja, a discussão das opressões a partir da análise imagética.

Simultaneamente aos seminários regionais, Exposições Fotográficas presenciais digitais e plásticas serão realizadas pelos 06 núcleos. Tais exposições utilizarão fotografias digitais que terão como suporte todo tipo de projeção, telas e/ou monitores, compondo uma instalação que pode ser multimidiática. Os objetos plásticos desenvolvidas na Etapa 4 : Processo de Criação) também farão parte dessa exposição e catálogos imagéticos serão produzidos (segundo tiragem citada acima).

Durante o seminário nacional haverá uma exposição presencial que será a síntese de todas as exposições ocorridas nos núcleos, assim como catálogos sínteses, cuja tiragem será de 600 exemplares (à depender do número de páginas).

REFERÊNCIAS

BATISTA, H. R. De uma Pedagogia Libertadora à Criação de um Espaço Seguro: A Oficina Escrivências Enquanto Materialização de Vozes Outras. 2023. *Monografia* (Graduação em Sociologia) Departamento de Sociologia- Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2023.

BISPO, E. F.; LOPES, S. A. T. ESCRIVÊNCIA: PERSPECTIVA FEMININA E AFRODESCENDENTE NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO. Revista Língua & Literatura, [S. l.], v. 35, n. 20, p. 186-201, 2017. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/2598>.

MADELIN, B. Dossier Femmes relais - femmes médiatrices. In Médiation sociale et culturelle : le rôle des Femmes – Relais. Plume : La revue du CLICOSS 93 - Direction de la Prévention et de l'Action Sociale. Seine-Saint Denis, Mars 2010, n° 52, p. 4-11.

_____. Médiation sociale: l'émergence d'un métier. Les cahiers du Développement Social Urbain, n°65, p. 1-16, 2017. Disponível em: <<https://shs.cairn.info/revue-cahiers-du-developpement-social-urbain-2017-1-page-14?lang=fr>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.

DIDI-HUBERMAN, G. La Emoción no dice "yo": Diez Fragmentos sobre la libertad estética. In La Política de las Imágenes / Alfredo Jaar. Santiago do Chile: Ediciones Metales Pesados, 2008.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2016.

_____. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, 1(1), p. 52-54, 2005.

_____. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte-MG, 22 de agosto de 2020. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo-SP: Paz & Terra, 2019.

_____. *Cartas à Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FONSECA, M. N. S. *Escrivência: sentidos em construção. Escrivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, p. 58-73, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-No-s-Conceicao-Evaristo.pdf#page=59>>

GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éd. du Seuil, 1982 .

HEIDRICH, Á. L. *Esquema para dialogar com descartógrafos*. In *Recartógrafos* / Claudia Washington, Lúcio de Araújo, Newton Goto. Curitiba, PR : Edição do autor, 2010.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O.; WASHINGTON, C. *Vidas paralelas migrantes: experiências de mediadoras socioculturais na França*. Brasília: Editora UnB, 2023.

HOEFEL, M. G. L.; ANDRADE, R. G. N.; SEVERO, D. O.; AYRES, H. H. F.; BERMUDEZ, X. P.; WASHINGTON, C. T.; OLIVEIRA, W. A.; AYRES, R. F. *Projeto Vidas Paralelas Migrantes: mosaicos de cenários, perspectivas e produção de conhecimento no Brasil e na França – 2017/2020*. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 14(3), 15-43, set, 2020.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O.; BERMUDEZ, X. P. D.; SENNA, J. *Migração, Saúde e Direitos Humanos: uma introdução*. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 14(3), 07-13, set, 2020.

HOEFEL, MGL; SEVERO, DO; WASHINGTON, C. *Experiência do projeto vidas paralelas migrantes no Brasil: narrativas imagéticas sobre o trabalho e suas repercussões sobre a saúde*. *Saúde em Redes*, 2019, 5(2):227-236.

HOEFEL, M.G. L. *Projeto Vidas Paralelas: relações entre a imagem, a estética e a política*. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado, Universidade de Brasília, 2016.

HOEFEL, M.G.L.; SEVERO, D.O.; PERSONNZ, V.; LE GAL, T.; BLANC, E.; CAMILO, M; REGNAULT, B.; VALAT, C. *Exposion Photographique du Projet Vies Parallèles (Catalogue)*, Universidade de Brasília, 2016.

HOEFEL M. G. L.; SEVERO, D. O.; GARCIA, Y.; GAZUI, J. Projeto Vidas Paralelas no Brasil e França: imagens, olhares e saberes a partir da ótica dos trabalhadores. In Trabalho & saber : questões e proposições na interface entre formação e trabalho / Wanderson Ferreira Alves, Maria Margarida Machado,(organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016, p. 255-294.

HOEFEL M. G. L. Document d'Orientation de la Méthodologie du Projet Vies Parallèles Migrants à Paris (CAPES-COFECUB), 2017.

HOEFEL, M. G. L.; BERMUDEZ, X. P.; MERCHAN-HAMANN, E.; CARVALHO, H. S. ; COLETIVO DE ESTUDANTES INDÍGENAS E NAO INDÍGENAS; COLETIVO DE PRECEPTORES PET-SAÚDE INDÍGENA. PET-Saúde Indígena UnB: construindo redes interculturais em saúde. Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva, v. 9, n. 1, p. 43-63, 2015.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O. Movimentos Sociais e Participação em Contexto de Conflitos Socioambientais: uma proposta de matriz de análise. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, v.8, p.27-45, 2014.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O.; MERCHAN-HAMANN; E.; SANTOS, S. M.; SELAU, M. G.; COLETIVO DE EXTENSIONISTAS DO PVPI. O Projeto Vidas Paralelas Indígena e a construção da interculturalidade na formação em saúde: um estudo de caso. In Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, v.6, p.23 - 35, 2012.

hooks, bell. 2019. Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo-SP, Elefante.

MADELIN, B. Le rôle des femmes-relais: En Seine-Saint-Denis, avec Profession banlieue. In Informations sociales, 141(5), p. 120-127, 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2007-5-page-120.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MAFFESOLI, M. Elogio da Razão Sensível. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PROJET VIES PARALLÈLES MIGRANT: PERSPECTIVES BRÉSIL – FRANCE. Université de Brasília; Faculté de Sciences de la Santé; Département de Santé Collective; Laboratoire de Santé du Travailleur et Santé Indigène, 2016.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, J. El teatro de imágenes. In La Política de las Imágenes / Alfredo Jaar. Santiago do Chile: Ediciones Metales Pesados, 2008.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. " Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Revista Psicologia Política, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-acao. São Paulo: Cortez, 1986.